

## **APRESENTAÇÃO**

### **DOSSIÊ: PENSAMENTO SOCIAL, DESENVOLVIMENTO E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS**

O dossiê “Pensamento Social, desenvolvimento e desafios contemporâneos” procura colocar em diálogo duas áreas especializadas nas ciências sociais: as pesquisas em “pensamento social” e a “sociologia do desenvolvimento”. A partir de seus referências específicas, estas duas áreas têm procurado repensar, em sentido mais abrangente, os dilemas e impasses da sociedade brasileira – e, em vários casos, também da América Latina. Noutras palavras, com suas agendas de pesquisa próprias, objetos empíricos de predileção e ‘clássicos’ preferenciais, tanto o “pensamento social” quanto a “sociologia do desenvolvimento” abrem uma possibilidade de comunicação recíproca que, segundo acreditamos, vale a pena ser explorada. É claro que este dossiê não visa a esgotar as discussões, mas sim evidenciar a relevância desta interconexão temática. Não se trata de pensar estas áreas ou campos de conhecimento de forma disjuntiva, mas sim sinérgica.

O “pensamento social”, campo de pesquisa que vem crescendo e ganhando forma nas últimas décadas, tem como objetivo explorar as diferentes “interpretações do Brasil” presentes nas mais variadas formas expressivas – ensaios, monografias científicas, objetos artísticos, movimentos culturais etc. Neste sentido, favorece o diálogo entre diferentes disciplinas, como ciências sociais, história, letras, literatura e artes plásticas, cada qual girando em sentido próprio o objeto prismático das “interpretações”. Além disso, as pesquisas no campo têm se debruçado na identificação de continuidades e inflexões decisivas entre não só entre as diferentes “interpretações” mas também ao longo do tempo, o que permite a pesquisa em torno de certas famílias ou sequências intelectuais. Mais recentemente, a área também vem se abrindo à comparação entre o “pensamento social” feito no Brasil e o de experiências históricas – com destaque para o “pensamento social” na América Latina. Justamente por este esforço comparado, há a possibilidade de se qualificar melhor as especificidades das reflexões feitas na (e sobre a) sociedade brasileira, bem como as práticas de “tradução cultural” que elas sempre implicam. Afinal, as “interpretações do Brasil” inevitavelmente se apropriam de repertórios conceituais forjados em outras experiências sociais – quase sempre nos países centrais, mas às vezes também em países periféricos – , o que torna possível conectar as pesquisas feitas em “pensamento social” com os

esforços contemporâneos de abrir a teoria social para além dos autores e autoras do Atlântico norte.

Por outro lado, o desenvolvimento, seja enquanto objeto ou como problema, também foi foco de inúmeras investidas da economia, da sociologia, da ciência política, da história e da própria geografia. Em meados do século XIX o debate assume centralidade para se compreender e explicar o mundo moderno, o capitalismo e a industrialização, principalmente nos países europeus e nos Estados Unidos. Muitas são as questões derivadas nesse processo, desde mudanças no mundo do trabalho (trabalho assalariado), de organização dos modos de produção (fábricas, metodologias de administração e técnicas de montagem), a centralidade da cidade – neste primeiro momento em oposição ao rural (como expressão das disputas entre a indústria e a agricultura) –, e também problemas como a pobreza e o próprio planejamento urbano.

A partir dos estudos econômicos sobre a chamada nova teoria do desenvolvimento, forjada no pós-segunda guerra mundial, a questão da industrialização dos países de capitalismo tardio (atrasados, emergentes, em desenvolvimento, entre outras nomenclaturas conceituais) passa a ser central. A superação da pobreza e as análises voltadas para a mudança social, para seus atores e as instituições, ganham força e contribuem para modelar o campo da sociologia do desenvolvimento. Decorrente, em parte, das transformações tecnológicas e das mudanças geopolíticas nas correlações de forças entre as grande potencias econômicas e militares, também se fortalece no campo da sociologia do desenvolvimento os debates e análises acerca das variedades de capitalismo para se refletir sobre as estruturas e as dinâmicas pelas quais o capitalismo toma forma nos diferentes países do mundo (seja nos pertencentes ao bloco dos chamados desenvolvidos, seja nos pertencentes ao bloco dos chamados em desenvolvimento).

Mais recentemente, temas vinculados às questões socioambientais, ao moderno e/ou pós-moderno, o fortalecimento das pautas de gênero, étnico-racial, de sexualidade e da própria democracia adentram aos mecanismos vinculados as estratégias para o desenvolvimento, juntamente com os temas clássicos da mobilidade social, da pobreza e dos atores sociais.

Com este dossiê, visamos a apresentar algumas análises de autores que problematizam parte dos problemas enumerados acima a partir de suas pesquisas e perspectivas de análise. A pluralidade presente nas diferentes abordagens teórico-metodológicas nos artigos dos autores pretende evidenciar, ainda que modestamente,

algumas possibilidades de conexão entre “pensamento social” e “sociologia do desenvolvimento”, bem como de seus desafios contemporâneos.

O artigo dos autores Alessandro André Leme e Antonio da Silveira Brasil Jr. pretende, por um lado, trazer uma análise do tratamento dado ao desenvolvimento como problema de análise na “sociologia do desenvolvimento” e, por outro, como o campo do “pensamento social” articula e trata, nas diferentes “interpretações do Brasil” (e/ou da América Latina), a questão do desenvolvimento e sua estreita relação com o Estado desenvolvimentista.

O artigo do autor Luiz Carlos Bresser-Pereira insere o problema de que não basta um governo desenvolvimentista para ser bem sucedido na área econômica e social, é preciso adotar inovações e boas práticas vinculadas ao novo desenvolvimento social para se alcançar o crescimento com estabilidade.

Antonio Vazquez Barquero em seu artigo evidencia que nas últimas décadas houve mudanças de estratégias das empresas em torno da relação entre territórios e sistema produtivo e, de adoção de novas tecnologias onde as tomadas de decisões estratégicas requerem entorno institucionais, novas formas de governança do Estado, redes de negócios e ambiente favorável ao empreendedorismo. Ainda que numa era de globalização, o local se torna estratégico nos processos de desenvolvimento econômico e social.

O artigo de Fernanda Beigel debate de forma crítica sobre a dependência enquanto conceito sociológico relativamente autônomo na academia chilena. O debate da dependência a partir de uma análise sócio-histórica é a perspectiva adotada pela autora para compreender as condições de emergência da Escola Latino-Americana da Dependência, assim como as particularidades espaciais e sociais no qual se produziu este conhecimento.

Bernardo Ricupero nos apresenta a mudança de perspectiva teórica na trajetória do Argentino Guillermo O’Donnell sobre as análises do autoritarismo de novo tipo na América Latina entre os anos 1960/1970 e as interpretações sobre a transição do autoritarismo. A influencia do autor para as ciências sociais latino-americana foi importante e a análise a partir de sua trajetória abre possibilidades interpretativas sobre a América Latina.

O artigo de Pedro Cazes visa reconstituir analiticamente alguns aspectos da intervenção de Maria Sylvia de Carvalho Franco nos debates sobre a formação da sociedade brasileira, particularmente no que diz respeito à sua crítica às leituras

“dualistas” do país. A discussão da ideia de processo social envolvida no livro da autora, em que a perspectiva de totalidade se articula com uma valorização das conexões de sentido contingentes, trazendo à luz uma relação entre “local” e “universal”, ou entre “particular” e “geral” que continua nos interpelando para enfrentar os desafios contemporâneos de uma sociologia crítica.

Carmen Lucia Felgueiras apresenta algumas ideias sobre os problemas que a área de pensamento social vem enfrentando em seu processo de consolidação ao longo dos últimos 30 anos. A autora propõe tratar o pensamento social como patrimônio, produz uma analogia que torna possível pensar tanto a forma que este acervo de interpretações pode adquirir como os modos pelos quais ele pode ser considerado em suas relações com as questões da atualidade.

Ezequiel Grisendi , por sua vez, nos apresenta uma análise sobre o processo de institucionalização das ciências sociais na América Latina a partir do Centro Latino-Americano de Pesquisas em Ciências Sociais, evidenciando a articulação regional de projetos de investigação social e empírica e de sua centralidade como modo de circulação acadêmica transnacional.

Já o artigo de Carlos Potiara Castro visa interpretar a região amazônica sob uma ótica da subordinação e do pós-colonialismo. Para tanto, desenvolve e discute alguns conceitos que foram aplicados à análise de espaços coloniais em outras regiões e períodos históricos com fins comparativos. Tal movimento analítico envolve realizar interpretações dos processos que ocorrem atualmente na Amazônia, onde há correlação positiva de vários aspectos e construção de soluções autonomistas, e simbólicas como uma solução possível.

Por fim, o artigo de Luis Carlos Fridman e Stefania Becattini Vaccaro a partir de revisão teórica das obras de Giddens, Bauman, Bourdieu, Sennett, Castel e Elias, ilustram a importância das alterações extra econômicas da globalização, onde o desmantelamento e reconstrução das instituições e a análise sobre as mudanças recentes na cultura e subjetividades contemporâneas, assim como as repercussões sobre as motivações dos indivíduos à ação política na esfera pública são fenômenos e condições que ainda precisam ser melhor desvendados.

*Alessandro André Leme/Antonio da Silveira Brasil Junior (orgs.)*